

*José de Souza Silva
Oliveira de Panelas*



MANIFESTO DA ESPERANÇA

*Diálogo entre a Humanidade e a Terra
pelo futuro da vida no Planeta*

MANIFESTO DA ESPERANÇA

*Diálogo entre a Humanidade e a Terra
pelo futuro da vida no planeta*



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^o. Antonio Guedes Rangel Júnior | *Reitor*

Prof^o. José Ethan de Lucena Barbosa | *Vice-Reitor*

Latus é um selo da Editora da

Universidade Estadual da Paraíba

Diretor

Cidoval Moraes de Sousa

Coordenação de Editoração

Arão de Azevedo Souza

Conselho Editorial

Ailton Elisiário de Sousa | UEPB

Antonio Guedes Rangel Junior | UEPB

Elizabeth Cristina de Andrade Lima | UFCG

João Moraes de Sousa | UFRPE

José Benjamim Pereira Filho | UEPB

Jomar Ricardo da Silva | UEPB

Luciana de Oliveira Chianca | UFRN

Luciano B. Justino | UEPB

Luiz Custódio da Silva | UEPB

Rômulo Azevedo | UEPB

Design Gráfico

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Coordenação de Distribuição e Livraria

Júlio César Gonçalves Porto

Comercialização

Álisson Albuquerque Egito

Divulgação

Zoraide Barbosa de Oliveira Pereira

Revisão Linguística

Elizete Amaral de Medeiros

Normalização Técnica

Jane Pompilo dos Santos

José de Souza Silva

Oliveira de Panelas

MANIFESTO DA ESPERANÇA

*Diálogo entre a Humanidade e a Terra
pelo futuro da vida no planeta*



CAMPINA GRANDE - PB
2013

Copyright © do Autor

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

O selo Latus segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPPB

B869

S586m

Silva, José de Souza.

Manifesto da esperança: diálogo entre a humanidade e a Terra pelo futuro da vida no planeta./ José de Souza Silva; Oliveira de Panelas.- Campina Grande: EDUEPB: Latus, 2013.

33 p.: ll.

ISBN - 978 - 85 - 63984 - 29 - 6

1. Linguagem poética. 2. Poesia. 3. Natureza. 4. Ciência e filosofia. 5. Reflexões. I. Título. II. SILVA, José de Souza. III. PANELAS, Oliveira de.

21. ed. CDD



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário

Campina Grande-PB - CEP 58429-500 - Fone/Fax: (83) 3315-3381

<http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Agradecimentos e dedicatória

Os autores agradecem às suas famílias pela compreensão ao apoiarem suas ausências durante os vários encontros realizados no Hotel Chique-Chique, às margens do Açude Público Epitácio Pessoa, Boqueirão-PB. Também agradecem aos donos do Hotel Chique-Chique, Lacir e Fabiana, pela paisagem espetacular (vista panorâmica do Açude Boqueirão, um ‘mar de água doce’, segundo Raimunda Ferreira de Souza Silva), o aconchego oferecido pelas instalações e jardins do Hotel, o tratamento gentil e competente dos empregados responsáveis pelos diferentes serviços. Tudo isso constituiu um ambiente inspirador para os intercâmbios críticos, criativos e propositivos entre a filosofia (José de Souza Silva) e a poesia (Oliveira de Panelas), dos quais resultaram o livro mais significativo na história intelectual dos autores. Agradecem aos Chefes –

Geral e Adjuntos – da Embrapa Algodão, Campina Grande-PB, por liberar José de Souza Silva para os intercâmbios com Oliveira de Panelas. Agradecem finalmente a todas e todos os atores que indiretamente compartilharam seus pensamentos no passado de tal forma que os autores se beneficiaram no presente de suas reflexões como fontes de inspiração para grande parte do conteúdo do livro. Os autores dedicam o livro a todos os seres vivos, humanos e não humanos, cuja vida está ameaçada de extinção em nosso Planeta como resultado de ações antropogênicas constitutivas do modo de ser, sentir, pensar, fazer, produzir, consumir e inovar da Civilização Ocidental, a civilização do ter, cuja crise sistêmica atual anuncia o seu ocaso avançado e colapso iminente, antes do final da primeira metade do século XXI, e abre possibilidades para a emergência da civilização do ser no mesmo período.

Sumário

Prelúdio Poético · 9

Prefácio · 13

Carta da Humanidade à Terra · 21

Carta da Terra à Humanidade · 39

Prelúdio Poético

Sementes de esperança

Benedito Honório da Silva¹

Filosoficamente imaginado
Eis que surge belíssimo cordel
Artistas, cujo verso é o pincel
Pintam, sim, o sentido e o pensado
Que poeticamente declamado
Nos inspira um futuro de bonança
Trazendo de volta a confiança
De sonhar com a terra prometida
Num fiel manifesto pela vida
Vejo férteis sementes de esperança

Na cadência d'um martelo agalopado
Os poetas dirão filosofia
Filósofos recitam poesia
Sem pudor, o Ocidente é criticado
O mundo é, por Eles, transformado
Para dar bom futuro pra criança
Que no ventre da Mãe 'inda descansa
Esperando pra um dia ser parida
Num fiel manifesto pela vida
Vejo férteis sementes de esperança

¹ Advogado, Músico e Presidente da Ordem dos Músicos do Brasil
— Conselho da Paraíba.



Revisando o passado em sua essência
O futuro é, por Eles, lapidado
Metaforicamente imaginado
Pintado com pristina transparência
Tecido com finíssima paciência
Moribundo, o presente ainda dança
Bem à margem do abismo, ele balança
Faz pulsar, do futuro, 'alma incontida
Num fiel manifesto pela vida
Vejo férteis sementes de esperança

O trajar do “progresso” não tem cor
Nem tem eco o tal “desenvolvimento”
O que é ‘relevante’, no momento
Foi parido na terra do Condor¹
Saberes ancestrais, criando amor
‘Bom Viver’ traz o símbolo da pujança
De uma ‘vida vivida em aliança...’
Con-vivência...que deve ser mantida
Num fiel manifesto pela vida
Vejo férteis sementes de esperança

1 A Região Andina é a terra do Condor, a maior ave voadora do mundo. Segundo os autores do Manifesto da Esperança, o paradigma do ‘Bom Viver’ emergiu primeiro no Equador (Sumak Kawsay, na língua Quechua), depois em Bolívia (Suma Qamaña, na língua Aymara) e agora já não encontra fronteiras para a sua construção filosófica, conceitual, política e cultural.



Em seus versos, o Sul já é o Norte
Invertendo a bússola deste mundo
Num giro cultural lindo e profundo
Onde a alma, o espírito, a vida, a morte
Ocupam papel belíssimo e forte
Que oferta à justiça uma balança
Onde a felicidade, sem tardança
Como fim, será sempre promovida
Num fiel manifesto pela vida
Vejo férteis sementes de esperança



Escutando um pedido de perdão
A Terra respondeu à humanidade:
“Cuide-me, com lúcida humildade
Sinta o pulso sutil da emoção
Ouça bem, quando fala o coração
Para ter vida plena, sempre mansa
O espírito, em paz, enfim, descansa
E a “NATURA” é por todos mais querida.”
Num fiel manifesto pela vida
Vejo férteis sementes de esperança



Prefácio

A filosofia e a poesia como parteiras da esperança

Levy Soares de Lima¹

Manifesto da Esperança – Diálogo sobre a Humanidade e a Terra pelo futuro da vida no Planeta é resultado de um virtuoso diálogo entre um cientista e um poeta, que trilharam caminhos pessoais e profissionais distintos, mas com vigorosos traços em comum: a aguda reflexão sobre a vida e o mundo, a veia poética, o sentimento de solidariedade e, sobretudo, a esperança – esta, sim, a parteira da filosofia e da poesia na vida de José de Souza Silva e de Oliveira de Panelas, para inverter a ordem no subtítulo sugerido pelos próprios autores, ambos filhos de pedreiros e que venceram enormes dificuldades para alcançar uma Educação digna desse nome.

A linguagem poética do Manifesto só ressalta a acidez com que os autores condenam

¹ Jornalista e Especialista em Educação à Distância.



os maiores responsáveis pelas mazelas causadas ao Planeta e à humanidade em nome do “desenvolvimento” e do “progresso”, termos que no livro sempre aparecem entre aspas. As críticas ao “colonialismo do saber” – e do poder – na mesma linha de pensadores contemporâneos como Edgardo Lander, Fernando Coronil, Aníbal Quijano e Enrique Dussel, articulam-se com as visões escatológicas do “deus mercado” que aterrorizam Pacha Mama e seus filhos de todas as espécies.

É uma ousadia abordar temas tão densos em forma de poesia. Mas, vale lembrar Ernst Cassirer, em seu Ensaio sobre o Homem: “primariamente, a linguagem não exprime pensamentos ou ideias, mas sentimentos e afetos; lado a lado com a linguagem conceitual, existe uma linguagem emocional; lado a lado com a linguagem científica ou lógica, existe uma linguagem da imaginação poética.” E também é importante ressaltar que a complexidade dos temas tratados no livro já era percebida há décadas pelos autores, cada um nas suas respectivas vertentes e círculos de atuação, com atitudes compatíveis com o discurso de hoje.



Para o leitor apreender melhor as convergências entre os autores e as origens de seus questionamentos, fazemos estes brevíssimos relatos:

No início dos anos 1980, sob o sol causticante do sertão, o engenheiro agrônomo José de Souza Silva apresentava, a incontáveis grupos de pesquisadores, técnicos, estudantes, produtores rurais, gestores públicos e políticos, os experimentos de campo do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-árido (CPATSA), da Embrapa, em Petrolina, Pernambuco, do qual era Coordenador de Difusão de Tecnologia. Não se contentava em fornecer apenas um alentado conjunto de informações técnicas, o que, ressalte-se, fazia de forma excepcional, didática. Ele adotava, também, um posicionamento essencialmente político-filosófico ao bombardear os visitantes com interrogações sobre a origem das causas do sofrimento dos sertanejos e dos brasileiros em geral, numa época de extrema desigualdade econômica e social. Acompanhei muitas dessas visitas nos quatro anos em que trabalhamos juntos no CPATSA e ficava imaginando



a ebulição na cabeça dos visitantes, após horas e horas de insolação – e de férteis perguntas.

As interrogações – essência da Ciência e da Filosofia – acompanharam José de Souza Silva durante as décadas seguintes, no mestrado em Sociologia da Agricultura e no doutorado em Sociologia da Ciência e da Tecnologia, ambos nos Estados Unidos, bem como nos diversos projetos voltados para a América Latina e Caribe, a serviço de instituições internacionais e, no Brasil, como pesquisador da Embrapa.

Oliveira de Panelas lembra-se de que começou a questionar as desigualdades do mundo ainda criança, quando ajudava o pai pedreiro no interior de Pernambuco. Aos 8 anos, fez os primeiros versos, depois participou da primeira cantoria “com um repentista que só fazia rimas em ão e á” e aos 14, tornou-se profissional do repente. Adolescente, mudou-se com o pai para o Paraná e depois seguiu sozinho para São Paulo, onde trabalhava como pedreiro nas obras, de segunda a sexta-feira, e fazia cantoria no bairro do Braz nos fins de semana. Daí por



diante, dedicou-se totalmente à poesia, após fixar residência na Paraíba.

A vida de operário e a convivência com os trabalhadores aguçaram ainda mais a sensibilidade do poeta e deram consistência à sua argamassa cultural, extremamente reforçada pela incansável busca e análise das informações e fatos do cotidiano. É um inquieto pesquisador das coisas do mundo e da alma.

Vencedor de 185 dos 298 Congressos de Cantadores dos quais participou, Oliveira de Panelas sempre prezou pela elegância dos versos e pela profundidade das ideias e conceitos que há quase meio século encantam o público. Uma das mais belas expressões da sua visão de mundo está no poema que tem como mote “Quando os povos se unirem como irmãos, as algemas do mal serão quebradas”, do disco O Perguntador, algo preconizador da parceria atual.

Nos últimos anos, o poeta-filósofo Oliveira de Panelas foi convidado várias vezes pelo filósofo-poeta José de Souza Silva para participar de eventos científicos e conferên-



cias, inclusive no exterior. Em um deles, o repentista arrebatou aplausos entusiasmados quando discorreu de improviso, em versos, sobre Pensamento Complexo. Em 2012, desafiaram-se a abordar a complexidade do mundo atual em forma de poesia. Com a esperança e a tenacidade comum a ambos, e com uma confessada dose de dificuldade, ajustaram métrica e conceitos científicos na construção de um libelo pela vida.

O Manifesto da Esperança é a conjunção das ideias, da poesia, do conhecimento e da sensibilidade dos dois “realistas esperançosos” – para usar a expressão lavrada pelo escritor Ariano Suassuna sobre ele próprio em sua famosa declaração: “o otimista é um tolo; o pessimista, um chato; por isso me considero um realista esperançoso”. Souza Silva concorda, mas faz um adendo: “O otimista não faz nada porque acha que a esperança é a última que morre e fica de braços cruzados esperando; o pessimista também nada faz porque diz que “a esperança é a última que morre, mas morrer”, daí não adiantar fazer qualquer coisa;



já o realista esperançoso é aquele que, a cada dia, responde a si mesmo a esta pergunta: o que fazer para que não morra a esperança ?”.

Uma das respostas que os autores oferecem para que a esperança não morra é este livro, um inusitado e instigante jeito de filosofar a golpes de martelo, Martelo Agalopado.



Carta da Humanidade à Terra

Pacha Mama¹, Abya-Yala²
te agradece e contigo quer
viver em harmonia



1 Terra Mãe, no idioma dos povos originários do nosso continente antes da chegada de Cristóvão Colombo.

2 Continente americano, no idioma de seus povos originários antes da chegada de Cristóvão Colombo. O povo Kuna, Panamá, foi o primeiro a chamar o nosso continente de Abya-Yala.

Terra Mãe, escutando os teus lamentos
Provocados por nossas atitudes
Insanas decisões e ações rudes
Desprovidas de nobres sentimentos
Não podendo ver tantos sofrimentos
Resolvi, comovida, neste dia
Afastar-me de toda hipocrisia
Pra juntar-me ao que luta e que discute
Peço a ti, Terra Mãe, que me escute
Sem você faltará sabedoria



Execrando nossa ímpia insensatez
Que deixou o teu útero degradado
Pra servir ao guloso “Deus-mercado”
Que se nutre e se oculta em falsas “leis”
Geradoras de tanta estupidez
Que exaure do teu seio a energia
Como arauta, me fiz, da alegria
Tua vida é a nossa, é bom que eu lute
Peço a ti, Terra Mãe, que me escute
Sem você faltará sabedoria



Um modelo nutrido na ganância
É refém da voraz eficiência
Ignora o que é suficiência
E reproduz a cultura da arrogância
Desconhece o que é a tolerância
Quer ao nosso Planeta conquistar
Todo espaço de terra, céu e mar
Arvorando-se, de todo onipotente
Perdoai todos os erros do Ocidente
Te feriu sem saber te cultivar



Ouçã, aqui, Terra Mãe, o nosso apelo
Venho aqui pra fazer a “*mea culpa*”
Verdadeiro pedido de desculpa
De vergonha por tanto dismantelo
Libertar-nos, por fim, deste modelo
Que só pensa em riqueza acumular
Sem ter pena nem dó de esmagar
Qualquer vida que surja em sua frente
Perdoai todos os erros do Ocidente
Te feriu sem saber te cultivar



Se hoje estamos às portas do abismo
À deriva total, sem direção
Nesse mal de nação contra nação
Onde só prevalece o egoísmo
No comando do tal capitalismo
E dos quarenta ladrões de Ali Babá
O final disso tudo, onde estará?
O Juízo Final, chegou agora
Individualismo nos devora
Solidariedade salvará



Sonhar é só um sonho e nada mais
Porém quando esse sonho é coletivo
Seu poder tem efeito positivo
Faz brotar relevantes ideais
E gerar energias colossais
E uma nova esperança surgirá
Assim todo egoísmo morrerá
Nascerá, no Planeta, nova aurora
Individualismo nos devora
Solidariedade salvará



Os escrúpulos, princípios, vida e crenças
Estão sendo vendidos abertamente
Muitas vezes até cinicamente
Prometendo vultosas recompensas
O dinheiro aplainando as diferenças
Num engodo, um projeto disfarçado
Para ter o Planeta controlado
Privatizam o teu líquido essencial
A cobiça voraz do capital
Compra e vende tua vida no mercado



Toda água potável da Mãe Terra
Maior fonte de vida, indiscutível
Sem você qualquer vida é impossível
Toda forma latente se encerra
Brevemente será causa de guerra
Será nosso Planeta dizimado
Se o desastre não for neutralizado
Fomos nós construtores desse mal
A cobiça voraz do capital
Compra e vende tua vida no mercado



Tuas virgens entranhas minerais
Pelas mãos da ‘natura’ conservadas
Brutalmente, por Eles, violadas
Tais quais foram as riquezas vegetais
Seus tentáculos, possantes, infernais
Poderosos qual férrea picareta
Ressoando qual fúnebre trombeta
Manejada por homens sem ouvidos
Teus suspiros, soluços e gemidos
Ecoam nos recantos do Planeta



Foi com fogo, com pedra, ferro e aço
Que teu corpo se abriu dilacerado
Impiedosamente esquartejado
Reduzido a destroços e a bagaço
Sem poder receber mais teu abraço
E sem noção de sair dessa “cruzeta”
E para que nada mais nos comprometa
Em defesa de ti, vamos unidos
Teus suspiros, soluços e gemidos
Ecoam nos recantos do Planeta



Esses povos, irmãos, originários
Massacrados por insanos extermínios
Por impérios abrindo os seus domínios
Através de piratas, de corsários
Destruindo os vitais imaginários
Suas crenças, seus ritos e seu saber
Seu repouso de espírito, seu lazer
E outras coisas que os livros não publicam
Pacha Mama, teus filhos te suplicam
Dai a nós outra chance de viver



Não foi só violência corporal
Outro tipo letal de violência
Atingiu esse povo em sua essência
Demolindo o seu cerne cultural
Houve um crime que é conceitual
Que esse povo ficou sem entender
O que, lá, sempre foi, deixou de ser
As regras ancestrais já não se aplicam
Pacha Mama, teus filhos te suplicam
Dai a nós outra chance de viver



Essa grande bagunça desgraçada
É um triste legado do Ocidente
Um *Cavalo de Tróia*, esse presente
A terrível armadilha disfarçada
Difícilima de tê-la decifrada
É preciso entender pra desarmar
Chame alguém pra poder lhe aclarar
Lançar luz sobre esta confusão
Sucedeu também isso no Sertão
Poderá, Zé Limeira¹, lhe explicar

Tome um mapa, acompanhe o meu roteiro
O Sertão está hoje degradado
O Bioma da Caatinga, devastado
Onde era o reinado do vaqueiro
É palco do moderno motoqueiro
O forró já perdeu o seu lugar
Pras guitarras elétricas d'além mar
Amputando o espírito do baião
Sucedeu também isso no Sertão
Poderá, Zé Limeira, lhe explicar

1 Zé Limeira, nascido no *Sítio Tauá*, Serra do Teixeira-PB, conhecido por sua independência de pensamento, imaginação fértil, irreverência poética e visão caótica da ordem do mundo. Ele e seus versos insólitos foram imortalizados no livro *Zé Limeira, Poeta do Absurdo*, de Orlando Tejo.



Um discurso “produz” realidade
Se o discurso é “discurso do poder”
Todo seu conteúdo nos faz crer
Que nos “dá” toda generosidade
Nos promete total felicidade
Vem *Cavalo de Tróia* nessa oferta
Mas, eufórica, essa massa não desperta
Que a promessa atrativa lhe algemou
O “discurso do poder” nos enganou
O ‘poder do discurso’ nos liberta



Mas um contra-discurso é necessário
Para nova realidade construir
Colocar relevância no porvir
Para que, nosso fértil imaginário
Antecipe o melhor itinerário
Pra jornada tão longa e tão incerta
É preciso ficarmos sempre alerta
Já que a “besta” não nos domesticou
O “discurso do poder” nos enganou
O ‘poder do discurso’ nos liberta



Das civilizações que foram embora
Nós não utilizamos seus legados
Porque foram por nós abandonados
E sem a sabedoria, nós, agora
Te pedimos sapiência em boa hora
Para, em fim, evitar nossa extinção
Se, em ti, não houver a solução
Toda vida será exterminada
Se você, Terra Mãe, não fizer nada
Será nossa total destruição



Pacha Mama, a razão desse pedido
É porque continua a insensatez
Predadores violam tuas leis
Tudo nosso está sendo poluído
Eu pensei que tiveste sucumbido
Mas, enfim, foi somente uma impressão
Vejo, em ti, toda fibra do Sertão
Com o ‘forte sertanejo’ é comparada
Se você, Terra Mãe, não fizer nada
Será nossa total destruição



Carta aberta, nascida no Sertão
Faz a ti um pedido universal
Nos ajuda estancar terrível mal
Que assola o vigor de todo chão
Suplicamos com a voz do coração
Tal qual trina o garboso rouxinol
Na poética paisagem do arrebol
Precisamos de ti, do teu amor
Nossa súplica, responde, por favor
Teus conselhos nos servem de farol



Como um nauta perdido em alto mar
Enfrentando terríveis vendavais
Furacões, turbulências, temporais
Sem nenhum horizonte a indicar
Algum porto seguro pra chegar
O céu amplo servindo de lençol
Todo turvo, impedindo a luz do Sol
Te imploramos ungidos pela dor
Nossa súplica, responde, por favor
Teus conselhos nos servem de farol



Desejamos, por fim, anunciar
A ‘mudança de época’¹, o tempo urge
O saber ancestral, hoje, ressurge
Transformando a maneira de pensar
Um outro paradigma, no lugar
Do que é dominante, até então
Um ‘enfoque biocêntrico’, outra visão
Contém cósmica e melhor fecundidade
De uma nova utopia, a humanidade
Está grávida na nossa região

A semente da esperança, este legado,
Vem dos povos que são originários
Suas práticas e saberes legendários
Em um mundo que foi colonizado
Pode ser, tudo isso, utilizado
Tem raiz no passado, a solução
Galvaniza nossa imaginação
E desnuda a brutal modernidade
De uma nova utopia, a humanidade
Está grávida na nossa região

1 Está em seu ocaso a época histórica do industrialismo; a coerência de produção e consumo da sociedade industrial capitalista não está em correspondência com as potencialidades e limites do Planeta.



Vem do *Sumak Kawsay* o ‘Bom Viver’
E do *Suma Qamaña*, o ‘Viver Bem’
O *Utzilaj Kaslem* está, também,
Inserido no mesmo proceder¹
E esta gestação irá trazer
Os valores e princípios da prudência
Para que uma vida de decência
Seja ungida de rara sensatez
E o parto da nova lucidez
Vai parir uma outra consciência



1 O paradigma do Bom Viver emergente na América Latina não é uma *alternativa de desenvolvimento*, mas sim uma *alternativa ao desenvolvimento*; sua origem tem três focos étnicos entre os povos originários de *Abya-Yala* (continente americano): chama-se *Sumak Kawsay* (em *Quechua*, Equador), *Suma Qamaña* (em *Aymara*, Bolívia) e *Utzilaj Kaslem* (em *Kiche*, Guatemala). *Teko Porã* é a expressão equivalente do paradigma do Bom Viver em *Tupi Guarani* na América do Sul. Todos compartilham o mesmo significado: vida plena, vida em plenitude, plenitude de vida.



‘Bom Viver’: de que é constituído?
Nele, a vida é origem, centro e fim
No nascente paradigma, sempre assim
A meta não é ser desenvolvido
Ser feliz, um direito garantido
Se buscado com toda sapiência
Pra viabilizar a convivência
A vil desigualdade não tem vez
E o parto da nova lucidez
Vai parir uma outra consciência



São os povos excluídos da história
Os sem terra, sem lar e sem afeto
O indígena, o negro, o analfabeto
Os sem vez, os sem voz e sem memória
Os que nunca souberam o que é vitória
Quebram, hoje, os grilhões da tirania
Livres, tecem o raiar de um novo dia
Conquistando os espaços merecidos
Carentes de sonhos, os oprimidos
Querem, juntos, criar nova utopia



A *colonialidade*¹ do poder²
Está sendo, por fim, denunciada
Sua origem racial é condenada.
E a *colonialidade* do saber³
Que se soma, também, com a do ser⁴
Vem matar nossa *gran* sabedoria
E no horrível processo que atrofia
Nossos imaginários são feridos
Carentes de sonhos, os oprimidos
Querem, juntos, criar nova utopia

1 Pensadores desobedientes de *Abya-Yala*, como Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Edgardo Lander, Santiago Castro-Gómez, Fernando Coronil, romperam com a geopolítica do conhecimento dominante e estão construindo uma perspectiva filosófica genuinamente latino-americana para demonstrar que a *Colonialidade – do poder, do saber, do ser, da natureza* – é o outro lado da *Modernidade* europeia, sua face oculta: conquistadora, colonizadora, violenta, injusta. A colonialidade viabilizou a modernidade.

2 O padrão global de poder estabelecido pelos impérios da Europa ocidental a partir da (falsa) premissa de que existem raças superiores e raças inferiores, para viabilizar a classificação social da humanidade e a divisão racial do espaço, do trabalho e dos povos.

3 A geopolítica do conhecimento estabelecida pelos impérios da Europa ocidental para impor a sua visão de mundo e pensamento científico sobre o que é e como funciona a realidade, a partir da ideia central da superioridade “natural” da Europa – *eurocentrismo*.

4 A violência da destruição dos imaginários e identidades dos povos originários, pelos impérios da Europa ocidental, através da colonização cultural e da violência física, psicológica e conceitual.



Tudo isso acontece em bom horário
Foi em 2012, ano emblemático
Que ocorreu o fenômeno galáctico
Pelos *Maya*, previsto, em calendário
Desprezar, este feito, é temerário
Um canal de energia se formou
O Sistema Solar se alinhou
Todo ventre galáctico se abriu
E a nossa Pacha Mama, então, pariu
Nisso, o Cosmo, pra vida, se trajou



No nascer do Quinto Sol, aconteceram
Maravilhas para a ‘vida em plenitude’
Coisas fortes, de tal magnitude:
Os polos magnéticos se inverteram
Os planetas, em fila, receberam
A energia que a Terra enfeitiçou
Um feitiço que a vida re-encantou
Satisfeita, a ‘natura’, então, sorriu
E a nossa Pacha Mama, então, pariu
Nisso, o Cosmo, pra vida, se trajou



À deriva, navega, a humanidade
Perdidíssima, em busca de sentido
Mas, por sorte, nem tudo está perdido
Pois a crise da tal modernidade
Exigiu nossa criatividade
Assim, outro paradigma nos convida
Despertar a paixão adormecida
Pra, de novo, acender a nossa chama
Nesta carta, perceba, Pacha Mama
Visceral manifesto pela vida



Prometemos viver em harmonia
Contemplar: sol nascente e sol poente
O murmúrio das águas na vertente
O orvalho da flor em pleno dia
A beleza da música e da poesia
Deixa nossa existência colorida,
Prazerosa, fecunda e bem urdida.
É assim que se vive e que se ama
Nesta carta, perceba, Pacha Mama
Visceral manifesto pela vida



Carta da Terra
à Humanidade
Outra forma de ver-me,
sentir-me, cuidar-me



Sou um corpo bailando no espaço
Sou dotada da forma mais bonita
Partilhei o que a vida necessita
Ofertei o meu seio e meu abraço
Tenho, sim, consciência do que faço
Me apresento feliz, misteriosa
Sou Mãe fértil, mulher maravilhosa
Que embala nutrindo os filhos dela
Terra vasta, feliz, fecunda e bela
Natureza opulenta e dadivosa



Recebi sua carta, Humanidade
Fiquei triste e feliz a um tempo só
Por um lado, eu fiquei com muito dó
Inegável é a minha piedade
Vai a minha resposta sem maldade
Já que pedem uma vida harmoniosa
Me ofereço outra vez esplendorosa
Meu perdão, nesta frase se revela
Terra vasta, feliz, fecunda e bela
Natureza opulenta e dadivosa



Olhe bem, pra começo de conversa
Precisamos de um novo compromisso
Registrado, que fique, tudo isso
Uma nova visão que se alicerça
Que não seja de índole controversa
Com um ético cuidado, permanente
Meu perdão não é dado simplesmente
Quero ver e sentir sua paixão
Demonstrando, da vida, a emoção
Aí dou meu perdão eternamente



É um novo Contrato Social
Onde a vida é a única preferência
Pra que seja tratada com a decência
Que lhe nega o modelo ocidental
A distância que cria é abissal
Com o *ter* sobre o *ser*, esquece a gente
Permanece insensível, indiferente
Quero ver se é de todo coração
Demonstrando, da vida, a emoção
Aí dou meu perdão eternamente



Veja bem, que a raiz do seu problema
É parte integral do seu modelo
Tem que ser extirpada sem apelo
Ou jamais terá fim este dilema
Prosseguir caminhando nesse esquema
É andar apoiado num “perneta”
Vai findar sepultado na sarjeta
Sem ninguém pra ouvir o seu lamento
Um modelo de “desenvolvimento”
Que viola os limites do Planeta



O seu modo de consumo e produção
Que responde a uma lógica abominável
Além de explorar, do miserável
Tira tudo e não faz devolução
Traz perigo pra o ar e para o chão
Verdadeira armadilha do “capeta”
Infeliz quem cair na sua treta
Perde o rumo, a visão e pensamento
Um modelo de “desenvolvimento”
Que viola os limites do planeta



No princípio do colonialismo
Um discurso chegou com muita lábia
Aplicando a retórica em forma sábia
Sem passar, na verdade, de cinismo
Era, sim, o Senhor Capitalismo
Que chegou de “progresso” disfarçado
Sedutor, terno novo, engravatado
Tendo o lucro e usura como leis
Foi vendido o “progresso” pra vocês
No altar enganoso do mercado



Esse “nobre” Senhor lhes prometia
Através do “progresso” da ciência
Transformar toda vida em sua essência
Com a força da tecnologia
Ninguém viu que era tudo fantasia
Este plano por ele anunciado
De que a meta era ser “civilizado”
Coisa boa, até hoje, nunca fez
Foi vendido o “progresso” pra vocês
No altar enganoso do mercado



Corroendo, senti minhas entranhas
Era a fome do vil mercantilismo
Os fórceps do voraz extrativismo
Que opera com forças tão estranhas
Não consigo esquecer dores tamanhas
Foram dores de um parto interminável
O produto de um ato abominável
Tenho abertas minhas veias que sangraram
Cinco séculos de “progresso” resultaram
Num Planeta fragilíssimo, vulnerável



Tinha formas brutais neste saqueio
Ao lado de seu imperialismo
Veio a máquina de seu industrialismo
Bombas, mísseis, meu corpo vive cheio
Bomba atômica, absurdo devaneio
Construída de forma irresponsável
E o material não-degradável
Que vocês, insensíveis, me legaram
Cinco séculos de “progresso” resultaram
Num Planeta fragilíssimo, vulnerável



Eis que surge, no globo, um novo império
Arvorando-se de Rei “desenvolvido”
Quis o mundo aos seus pés como oprimido
Tendo isso um efeito deletério
Violando direitos sem critério
Construindo opulência sem igual
Provocando miséria colossal
Tudo à custa de grande sofrimento
São seis décadas de “desenvolvimento”
Mas prossegues, ainda, desigual



Sua América Latina, que é belíssima
Nesta desigualdade entre as nações
Que reúne famosos campeões
O Brasil está nessa finalíssima
Já a América Latina é primeiríssima
Os “*States*” com pose imperial
Deve ao mundo valor descomunal
Tudo isso eterniza o meu tormento
São seis décadas de “desenvolvimento”
Mas prossegues, ainda, desigual



O supérfluo é irmão do desperdício
Daqui vejo esse culto à aparência
E o desprezo total pela essência
Quando ela é quem traz o benefício
Este credo não foi nem é propício
Pois em vez de benesses faz o mal
Possuir é o foco principal
Para que tantos bens materiais
Todos vivem ansiando por ter mais
Quando o suficiente é o ideal



Hoje, “ter ou não ter” é a questão
Neste capitalismo desvairado
Que serve somente ao “Deus-mercado”
Que lidera letal religião
Cujo símbolo maior é o cifrão (\$)
Urge o tempo, mudança radical
Evitando a tragédia do final
Que já vem emitindo seus sinais
Todos vivem ansiando por ter mais
Quando o suficiente é o ideal



As calotas polares se derretem
Os sinais que emergem desanimam
As mudanças tectônicas se aproximam
Tsunamis gigantes comprometem
Pensem bem, com urgência, e interpretem
O porvir está cheio de surpresa
Ou se une ousadia com firmeza
Ou então acabou-se a esperança
Por favor, não me peçam segurança
Seu futuro é refém da incerteza



Eu sou caos e sou ordem simplesmente
Turbulências são parte do meu charme
Erram, sim, os que querem controlar-me
Com a ciência arrogante do Ocidente
E seu capitalismo inconsequente
Este autor de fortuna e de riqueza
É bem mais de miséria e de pobreza
Não merece ter minha confiança
Por favor, não me peçam segurança
Seu futuro é refém da incerteza



Convoquei o poeta Zé Limeira
Pra dizer o Ocidente o que é que é
Eis aí o relato do José:
*“Vou falar o que é esse poiquera
Foi parido na Serra do Texera
E é vizin das muraia do Japão
Troca e vende jumento e avião
Tem dinheiro e num passa de indigente
Eis aí o que é o Ocidente
Um pedaço injeitado do Sertão”*



*“Seu negócio é fazê ixtripulia
Solta bomba, nosoto, quando qué
Porém dizem que apanha de mulé
Uma coisa que eu mermo num sabia
Toma banho de cuia na bacia
Um covarde metido a valentão
Se ele um dia brigá cum Lampião
O Brasil vai ficá independente
Eis aí o que é o Ocidente
Um pedaço injeitado do Sertão”*



Escutei Zé Limeira atentamente
Entendi o que ele quis dizer
Nós, com ele, podemos aprender
Cultivar pensamento independente
Uma grande lição que deu pra gente
Vocês, com essa pobre educação
Promovendo somente imitação
Deformados serão a vida inteira
*Se houvesse uns quinhentos Zé Limeira
O Planeta teria solução*



Vocês são vulneráveis seguidores
De caminhos sem rumo, alienados
Por essa educação, domesticados
Tem que haver radicais educadores
Pra formar sustentáveis construtores
De caminhos ungidos de emoção
Acendendo a centelha da paixão
Repetir quero eu dessa maneira
*Se houvesse uns quinhentos Zé Limeira
O Planeta teria solução*



Quando a mente, doente, se atrofia
Não produz, fica estreita, não alcança
Não projeta, não pensa, não avança
Dos valores reais, se distancia
Na inércia de sua letargia
Toda imaginação fica dormente
O talento, atrofiado, é impotente
Fruto da educação colonial
A pior aridez é a mental
Busquem ter pensamento independente



O maior, persistente dos problemas
Foi a educação colonial
Verdadeira lavagem cerebral
Assassina de ideias e sistemas
Coloca, em seu lugar, outros esquemas
Que respondem à visão do Ocidente
Descontextualizada e excludente
Pois pretende ser ela universal
A pior aridez é a mental
Busquem ter pensamento independente



Não existe saber universal
É somente na arrogância do Ocidente
Que a ciência se diz onipotente
Se todo conhecimento é cultural
Deve ser, a educação, contextual
Em sua ânsia soberba de reinar
Quis a tudo, a ciência, controlar
Pelo mundo, seu dogma semeou
O “saber científico” já tentou
Os saberes do mundo eliminar



Num contexto, a cultura e o saber
São ligados no mesmo compromisso
Um, do outro, não pode estar omissos
Sob pena de não sobreviver
O diálogo é a fonte do aprender
Igualmente é a chave do ensinar
Os saberes precisam se encontrar
O diálogo, Paulo Freire sustentou
O “saber científico” já tentou
Os saberes do mundo eliminar



Pelo século dezoito, os cientistas
Construíram o império da razão
Sem espaço nenhum pra emoção
Inspirando o espírito de conquistas
Crueldades que nunca foram vistas
Impingiram tormento e muitas dores
Esses vis e cruéis conquistadores
Violaram da vida sua estética
Nesta sua atitude não há ética
O seu mundo é vazio de valores



Um planeta algemado e impotente
Nesse tal continente digital
Onde a realidade é virtual
Subjetividade está ausente
E o *ser* já é máquina, não é gente
Prevalecem os tais computadores
Que não têm sentimentos nem amores
“Engrenagem” inimiga da poética
Nesta sua atitude não há ética
O seu mundo é vazio de valores



Se quiser dar um basta a tudo isso
Compartilho um conselho interessante
Tem teor altamente relevante
São três coisas unidas no feitiço
É emoção, é paixão, é compromisso
Pra se ter convivencialidade
A interdependência em liberdade
Constitui a essência dessa vida
*Tal qual Fênix das cinzas renascida
Que emerja uma nova humanidade*



Justa, igual, altruísta e solidária
Permitindo, dos mundos, a existência
Dos modos de vida, a convivência
Sem lugar para a vida solitária
Sustentabilidade necessária
Cuidem bem do meu corpo com bondade
Se quiserem alcançar longevidade
Para sempre, eu serei agradecida
*Tal qual Fênix das cinzas renascida
Que emerja uma nova humanidade*



Cinco mil, cento e vinte e cinco anos
Eis que um novo ciclo cósmico se inicia
Nova aura de luz, nova energia
Dizem os Maya, latino-americanos,
Que mudanças virão para os humanos
Teça fios de paz, faça um lençol
Que proteja a ‘vida plena’ no arrebol
Onde nova esperança brotará
*Assim, seu ‘Bom Viver’ germinará
Com os raios vitais do Quinto Sol*



Aproveite o raiar da Quinta Era
A galáxia, exultante, abriu seu ventre
Pela cósmica janela, você entre
E vincule-se à nova atmosfera
Que pariu a galáctica primavera
Onde a luz ‘biocêntrica’ é o farol
Ouça o código da voz do rouxinol...
Interprete o que ele falará...
*Assim, seu ‘Bom Viver’ germinará
Com os raios vitais do Quinto Sol*



Sobre a foto de capa

Pôr do Sol do dia vinte e um de dezembro de dois mil e doze (21.12.2012) que, segundo a sabedoria Maya (Guatemala), marcou o fim de um ciclo cósmico de cinco mil, cento e vinte e cinco (5.125) anos e o início de outro. É o Quinto Sol, que dá início à Quinta Era cósmica, cuja energia positiva beneficia a todos os seres vivos. Em nosso Planeta, os mais beneficiados são os mamíferos; no caso dos humanos, os mais beneficiados serão os mais conscientes de pertencer à rede de energia cósmica, os que interagirem com a natureza sentindo-se parte dela. A foto foi feita em Mata Limpa, Distrito de Areia-PB, com a fotógrafa posicionada dentro do Sítio Sonho de Nós Dois.

Autoria de Calliandra Maria de Souza Silva.

Sobre os autores

Filho de Pedreiro, José de Souza Silva nasceu no Sítio Lava-Pés, em Areia-PB, em 1950. É Engenheiro Agrônomo com Mestrado em Sociologia da Agricultura e Ph.D. em Sociologia da Ciência e Tecnologia. Foi Oficial Superior representante da América Latina e do Caribe na Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), em Roma, Itália, Senior Scientist do International Service for National Agricultural Research (ISNAR), na Haia, Países Baixos, e criador e líder da Red Nuevo Paradigma para a inovação institucional na América Latina. É Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), na Embrapa Algodão, Campina Grande-PB, na área das relações ciência-tecnologia-sociedade-inovação (CTSI) e professor convidado de cursos de especialização, mestrado e doutorado em várias universidades latino-americanas onde é respeitado como Sociólogo das relações CTSI,

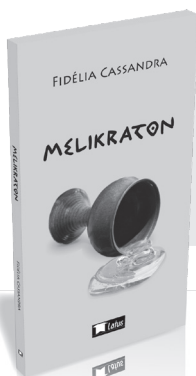
Estrategista da inovação institucional e Filósofo do ‘dia depois do desenvolvimento’. Seu artigo mais recente, A farsa da “economia verde” e a insegurança da “segurança alimentar”, foi publicado pela União Geral dos Trabalhadores (UGT) do Brasil e lançado na Rio+20, no Rio de Janeiro, 2012, e seu livro mais recente, Hacia el ‘día después del desarrollo’ (Rumo ao ‘dia depois do desenvolvimento’) foi publicado em 2012 no Paraguai.



Filho de Pedreiro, Oliveira Francisco de Melo, ou Oliveira de Panelas, nasceu em Panelas-PE, em 1946, fez seus primeiros versos aos oito anos de idade, começou a cantar aos doze, tornou-se profissional aos quatorze, gravou seu primeiro disco aos vinte e quatro, ganhou cento e oitenta e cinco (185) dos duzentos e noventa e oito (298) Congressos de Cantadores dos quais participou e, aos cinquenta anos, foi o grande

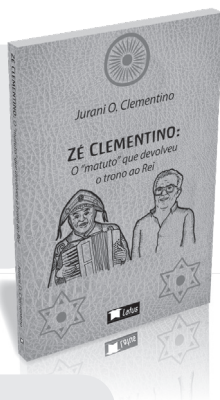
vencedor do “1º Campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas” realizado no Memorial da América Latina em São Paulo-SP; no dia 15 de julho de 1997, o Jornal da Tarde (São Paulo) anunciou: “‘Pavarotti dos Sertões’, o maior repentista do universo”. Apresentou-se em outros países, como França, Estados Unidos, Colômbia, Cuba e Equador; cantou para vários Presidentes, como Mario Soares e Fidel Castro, e para o Papa João Paulo II e três vezes para o cantor Roberto Carlos. Entre seus cordéis, publicou “Instituto Nacional do Semi-Árido: Outra visão, outro Sertão”, 2010; entre seus Lp’s e CDs, gravou: Os 10 últimos dias de Lampião; entre seus livros, publicou E Deus Me Fez Cantador, 2005. Reside em João Pessoa-PB desde 1976 (op@oliveiradepanelas.com).

LANÇAMENTOS LATUS



Melikraton
Fidélia Cassandra

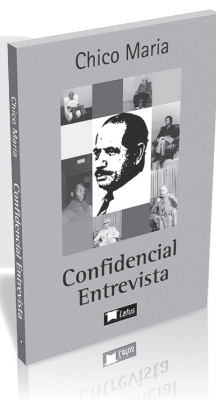
Zé Clementino:
O “matuto” que devolveu
o trono ao Rei
Jurani Clementino



O Sertão em Memórias
da Infância
João Morais de Sousa



Zé Clementino:
O “matuto” que devolveu
o trono ao Rei
Jurani Clementino



Sobre o livro

Design da Capa	Erick Ferreira Cabral
Fotos da Capa	Calliandra Maria de Souza Siva
Ilustrações	Erick Ferreira Cabral
Normalização	Jane Pompilo dos Santos
Projeto Gráfico e Editoração	Erick Ferreira Cabral
Revisão	Elizete Amaral de Medeiros
Impressão	Gráfica Universitária da UEPB
Formato	12 x 21 cm
Mancha Gráfica	8,6 x 14,8 cm
Tipologia utilizada	Baskerville 14/16,8 pt Antropos Arial Narrow
Papel	Pólen 75g/m ² (miolo) e Cartão Supremo 250g/m ² (capa)